

António José Coelho, SJ

ORAÇÃO E VIDA



EDITORIAL A.O.

Capa

Francisca Cardoso Girão

Paginação

Editorial A. O.

Impressão e Acabamentos

Papelmunde – Sociedade de Manufacturas Gráficas, Lda.

Depósito Legal

474315/20

ISBN

978-972-39-0905-0

Setembro de 2020

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

www.redemundialdeoracaodopapa.pt | livros@snao.pt

Prefácio

Felicitemos com muita cordialidade o P. António Coelho, jesuíta e transmontano de Bragança-Miranda, pela publicação deste livro dedicado à oração e vida. Ousamos iniciar pela sua conclusão, quando o autor escreve: «e termino com uma frase lapidar de Santo Agostinho: “verdadeiramente aprendeu a viver bem, quem aprendeu a rezar bem”».

Antes de mais, «porquê rezar? A resposta é simples: para viver. Sim: para viver verdadeiramente, é necessário rezar. Porque viver é amar: uma vida sem amor não é vida. É solidão vazia, é prisão e tristeza. Só quem ama vive verdadeiramente: e ama só quem se sente amado, alcançado e transformado pelo amor» (Conferência Episcopal Italiana, *Carta aos que procuram Deus*, 45).

Os métodos de oração são inúmeros – oração pessoal, oração comunitária, *lectio divina*, meditação, oração com os ícones, os métodos orientais... – considerando que a Liturgia não esgota toda a ação da Igreja (cf. SC 9). Todavia, a oração litúrgica tem o seu próprio método, isto é, *per ritus et preces* (cf. SC 48). Por isso, o Papa Francisco, ao reafirmar também a força evangelizadora da piedade popular, escreveu: «as expressões da piedade popular têm

muito que nos ensinar e, para quem as sabe ler, são um lugar teológico a que devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização».

Gostaria de revisitar um texto de 10 regras escrito por B. Fischer, recolhido por J. Aldazábal e apresentado por Jesús Castellano em 1996:

1. Ao princípio sente-se uma inclinação a ver a oração como uma ação própria, mas à medida que se amadurece, dá-se conta de que é um dom de Deus, uma ação do Espírito Santo.

2. Ao princípio entende-se a oração como pedir para si. Mais tarde descobre-se que também significa interceder, pedir pelos outros. Mas com os anos descobre-se que vale muito mais o dar graças e o louvar a Deus.

3. Ao princípio tomam-se para a oração fórmulas aprendidas de memória ou tiradas dos livros. Mas há que aprender também a rezar desde o coração, com uma oração espontânea.

4. Ao princípio aprecia-se uma oração detalhada e extensa, que expresse todas as nossas ideias e todas as intenções. Quando se matura mais, aprende-se a força que tem uma jaculatória, uma oração breve, a oração de Jesus, as fórmulas simples...

5. Ao princípio busca-se muito a mudança e a variedade na oração. Com a idade aprende-se o valor que tem a repetição.

6. Ao princípio depende-se muito do lugar, do tempo, dos gestos tradicionais da oração. Mas é bom que se aprenda a rezar também em todo o lugar, em todo o tempo.

7. Ao princípio crê-se que a oração litúrgica não tem nada a haver com a oração pessoal. Mais tarde descobre-se a força que têm, também para a oração privada, as orações tomadas da Liturgia.

8. Os Salmos consideram-se ao princípio como oração para os momentos litúrgicos. E, um belo dia, descobre-se que o Saltério é uma reserva admirável para rezar pessoalmente, se se reza com Cristo e por Cristo.

9. Ao princípio crê-se que rezar e ler a Bíblia são duas coisas diferentes. Mais tarde, descobre-se que ler a Bíblia rezando é algo fácil e fantástico.

10. Ao princípio parece que para rezar não se pode prescindir das palavras. Mas a alguns é-lhes concedido também rezar sem palavras, numa oração silenciosa que pode ser muito profunda e madura.

Na pedagogia da oração reveste-se de particular importância o silêncio. O diálogo entre Deus e os homens exige momentos de silêncio. Estes não constituem um vazio na oração, mas uma presença diante de Deus que nos fala, aqui e agora. De facto, a oração, com os vários aspetos de louvor, súplica, invocação, grito, lamento, ação de graças, nasce a partir do silêncio. Só o silêncio torna possível a escuta ativa, ou seja, o acolhimento em si não só da Palavra, mas também da presença de Cristo que fala nas Escrituras. O silêncio é a linguagem do amor e da profundidade. Deste modo, o silêncio é garante da interioridade.

Para o Cristianismo, o silêncio é uma dimensão não apenas antropológica, mas teológica. Santo Inácio de Antioquia, referindo-se aos mistérios de Deus, diz que estes foram realizados no silêncio e que Cristo é «a Palavra

que provém do silêncio». Da experiência litúrgica do silêncio, o cristão é convidado a passar à espiritualidade do silêncio, como dimensão contemplativa da vida.

A oração da Igreja é sempre um dom de Deus e o seu fundamento teológico é a presença de Cristo em nós. É sempre possível rezar, sendo uma necessidade vital, porque a oração e a vida cristã são inseparáveis. O objeto e ao mesmo tempo o sujeito da oração cristã é Cristo, como dizia Santo Antão: «rezar é respirar Cristo». Ele mesmo deixou-nos um mandamento: «orar sem desanimar» (*Lc* 18, 1) e «estai vigilantes e rezai» (*Mt* 26, 41; *Mc* 14, 38); um documento: «Pai-Nosso» (*Mt* 6, 9-13; *Lc* 11, 1-4); e um exemplo: a sua própria vida.

Ao longo dos 14 capítulos deste livro e partindo de 4 pressupostos fundamentais – Jesus rezava; Jesus ensinou os Apóstolos a rezar; os Apóstolos rezavam; Cristo deixou a oração à sua Igreja – o Autor sublinha a oração como o coração da vida e da ação da relação com Deus.

† José Manuel Garcia Cordeiro
Bispo de Bragança-Miranda

Introdução

Tem o leitor entre mãos um livro sobre a oração. O título do mesmo indica a finalidade principal que tivemos ao escrever um livro com este título, ou seja, falar da oração na sua relação íntima com a vida.

Ao fim e ao cabo, todas as formas de oração de que falamos no livro têm, de uma forma ou de outra, a ver com a nossa existência, mas entre estas formas existem algumas nas quais se vê mais claramente esta relação.

Dito de outro modo, tivemos a preocupação, ao longo do livro, de sublinhar a ligação da oração com a vida, no sentido de podermos afirmar que não há vida verdadeiramente cristã sem oração, nem há verdadeira oração que não se reflita, necessariamente, na vida.

Tudo isto mostra que a oração, qualquer oração, mesmo a mais altamente contemplativa, deve ter um aspecto «prático». Foi isto mesmo que Santo Inácio de Loiola quis significar ao recomendar aos seus filhos que deviam ser «contemplativos na ação e ativos na contemplação».

E temos vários exemplos disto na vida de muitos santos, como podemos ver nas suas hagiografias; mas, para nós, um dos mais paradigmáticos é o de Santa Teresa de Jesus, que unia uma altíssima contemplação (é talvez a mais alta

representante do século de ouro dos místicos espanhóis), a uma frenética ação, tendo fundado 18 conventos, além de muitas outras atividades.

Faço votos por que este modesto livro seja de algum proveito para quem quer rezar mais e melhor.

Índice

<i>Prefácio</i>	7
<i>Introdução</i>	11
I. Pressupostos fundamentais	13
1. <i>Jesus rezava</i>	13
2. <i>Jesus ensinou os Apóstolos a rezar</i>	19
3. <i>Os Apóstolos rezavam</i>	21
4. <i>Cristo deixou a oração à sua Igreja</i>	22
II. Considerações gerais sobre a oração	25
III. Mais algumas definições	31
IV. Uma questão prévia: porquê e para quê rezar?	35
V. A necessidade da oração	39
VI. A oração, uma experiência de fé	45
VII. As várias formas de oração vocal	53
<i>A oração é interativa</i>	55
1. <i>A oração de petição</i>	56
a) Não sabemos o que pedir	58
b) O que devemos pedir	59
c) A oração de petição encerra um compromisso	64
d) A oração de petição por meio de fórmulas	67

2. Oração de louvor	69
3. Oração de agradecimento (<i>Ação de graças</i>)	72
VIII. Qualidades que a oração deve ter	79
1. <i>A oração deve ser humilde</i>	79
2. <i>A oração deve ser feita com fé e confiança</i>	84
3. <i>A oração deve ser perseverante</i>	88
4. <i>A oração deve ser assídua (sem interrupção)</i>	93
IX. As dimensões da oração	99
1. <i>A oração apostólica (oração e missão)</i>	99
2. <i>A oração apostólica em São Paulo</i>	102
3. <i>Oração e trabalho</i>	103
4. <i>Oração solidária</i>	107
5. <i>Oração e sofrimento</i>	109
X. Características da verdadeira oração	115
1. <i>A verdadeira oração parte do coração</i>	115
2. <i>A verdadeira oração é escuta</i>	118
XI. A oração é um dom, uma graça de Deus	125
1. <i>Dom de Deus</i>	125
2. <i>Gratuidade deste dom</i>	127
3. <i>Efeitos desta graça na nossa vida</i>	129
XII. Oração e vida	131
1. <i>A vida tem sentido?</i>	131
2. <i>Oração e vida</i>	132
XIII. A originalidade da oração cristã	139
XIV. A oração, tarefa e dom	143
<i>Bibliografia</i>	146
<i>Índice</i>	147